

WEBER E OS DESAFIOS DA JUVENTUDE E DA FAMÍLIA CONTEMPORÂNEA
WEBER AND THE CHALLENGES OF THE YOUTH AND CONTEMPORARY FAMILY
WEBER Y LOS DESAFÍOS DE LA JUVENTUD Y DE LA FAMILIA CONTEMPORÂNEA

*Kátia Strauber**

* Mestranda em Sociologia da Universidade Federal do Paraná.

RESUMO. Neste ensaio pretendo focalizar algumas características do mundo contemporâneo e as possíveis interferências sobre as mudanças ocorridas no grupo familiar e sobre o processo de individualização da juventude atual. Minhas reflexões sobre o tema buscam fundamento na teoria sociológica, resgatando o pensamento de Max Weber, um dos grandes clássicos da sociologia. Sua análise sobre a racionalidade moderna e sobre a ação social como objeto central da sociologia é o ponto de partida da construção deste trabalho, que busca entrecruzar as idéias weberianas com o cenário atual em que vivemos. Para tanto, descrevo brevemente algumas especificidades contemporâneas. Localizo a juventude e a família, utilizando um estudo original sobre uma possível teoria da família, de Weber, e tento entrelaçar o pensamento clássico nestes âmbitos.

PALAVRAS-CHAVE: juventude; família; sociologia.

ABSTRACT: In this paper I intend to focus some characteristics of the contemporary world and the possible interferences on the occurred changes in the familiar group and on the process of individualization of present youth. My reflections on the theme search bedding in the sociological theory, rescuing Max Weber's thought, one of the great classics of sociology. Its analysis on the modern rationality and the social action as central object of sociology is the starting point of the construction of this work that searches to intercross the Weber's ideas with the current scene where we live. In such way, I describe briefly some contemporaries' specificities, I locate youth and family, using an original study on a possible Weber's theory of family and I try to interlace the classic thought in those scopes.

KEYWORDS: youth; family; sociology

RESUMEN: En este ensayo trato focalizar algunas características del mundo contemporáneo y las posibles interferencias sobre las mudanzas acontecidas en el grupo familiar y en el proceso de individualización de la juventud actual. Mis reflexiones sobre el tema buscan fundamentos en la teoría sociológica, rescatando el pensamiento de Max Weber, un de los grandes clásicos de la sociología. El análisis sobre la racionalidad moderna y sobre la acción social como objeto central de la sociología, es el punto de partida de la construcción de este trabajo, que busca entrelazar las ideas de Weber con el escenario actual que vivimos. De esta manera, describo brevemente algunas especificidades contemporâneas. Sitúo la juventud y la familia, utilizando un estudio original sobre una teoría posible de familia, de Weber, y trato entrelazar un pensar clásico en estos ámbitos.

PALABRAS-CLAVE: juventud; familia; sociología.

Recebido em: 15/10/2004
Aceito em: 08/03/2005

Kátia Strauber
Rua Brasília Itiberê, 4.452 - Água Verde
80240-060 - Curitiba - PR
E-mail: kathi@onda.com.br

INTRODUÇÃO

Ao olhar o mundo contemporâneo, não é possível deixar de contemplar a amplitude de transformações que o caracterizam, as grandes mudanças que se vêm sucedendo, particularmente a partir da revolução industrial, no final do século XVIII e início do século XIX, momento disparador de avanços tecno-científicos, de magnitude não vista ou vivida, até então. Em sua bagagem, a revolução técnica trouxe enorme potencial de possibilidades de solução de problemas e, concomitantemente, poder inédito de universalização. Vivemos, sem dúvida, um momento de inflexão histórica; cada vez mais, surge a necessidade de compreensão do fenômeno mundial, que é eminentemente sociológico.

Neste contexto encontram-se as profundas mudanças que atingiram a família ao longo do século XX e particularmente na sua segunda metade, agregando novas configurações e enfrentando novos desafios. Acompanhando este processo, aparece a juventude, gerada no centro de tais transformações e que vem ocupando um lugar cada vez mais cativo na mídia, protagonizando imagens que suscitam indagações.

Este estudo pretende refletir sobre a influência do pensamento weberiano na organização da família moderna e suas conseqüências para a juventude atual, numa tentativa de entrecruzamento das idéias de um representante clássico da teoria social e as especificidades contemporâneas, embora a temática proposta não tenha recebido tratamento exaustivo por parte do autor. A justificativa para a proposta é a forte retomada que esses temas vêm recebendo nas últimas décadas, por parte dos diversos atores sociais, sejam educadores, governantes, intelectuais, pesquisadores e terapeutas, em virtude da intensidade das transformações que se vêm sucedendo.

A pretensão de olhar a problemática da juventude sob a ótica de seu processo de individualização tardio, vinculada às mudanças vigentes nas estruturas familiares, desde o início da sua nuclearização, é o eixo norteador que inspira o interesse pela pesquisa na área.

REFERENCIAL TEÓRICO

O CENÁRIO CONTEMPORÂNEO

Por cerca de trinta mil anos o homem viveu como caçador e coletor, em bandos nômades, utilizando-se

de tecnologia rudimentar. Aproximadamente de oito a quatro mil anos a.C., surgiram os primeiros vestígios de agricultura, anunciando os primórdios de uma era de conhecimentos mais complexos sobre a natureza e o uso de instrumentos mais elaborados de trabalho. A possibilidade bem como a necessidade de especialização do trabalho tornou-se cada vez mais presente, ao mesmo tempo que ocorria maior crescimento das tribos¹.

Mas, há aproximadamente duzentos anos, ou seja, no período pós-Revolução Industrial, um novo modo de produção instalou-se, ditado pelo desenvolvimento do capitalismo, culminando em novo tipo de sociedade, a sociedade da tecnologia, que deu início a um processo de acelerado desenvolvimento tecnológico. A aceleração de tal processo resultou no maior acervo de conhecimentos técnicos acumulados pela humanidade até aqui, particularmente os adquiridos nos últimos cinquenta anos. Simultaneamente, grandes transformações sociais se sucederam, mesmo sem acompanhar o intenso avanço que as mudanças tecnológicas imprimiram².

Precisamente aqui, podemos ir ao encontro ao pensamento de Max Weber na enunciação de seu conceito fundamental, o da racionalização, no qual ele caracteriza e busca explicar o mundo ocidental moderno. Tal como ele o compreende,

a racionalização é o resultado da especialização científica e da diferenciação técnica peculiar à civilização ocidental. Consiste na organização da vida, por divisão e coordenação das diversas atividades, com base em estudo preciso das relações entre os homens, com seus instrumentos e seus meios, com vistas a maior eficácia e rendimento^{3:19}.

O processo de racionalização crescente, todavia, também denominado intelectualização, não garante progresso no conhecimento geral das condições de vida nem progresso moral individual ou coletivo. Refere-se à organização social exterior e não à vida íntima e racional do homem e conseqüentemente de seu grupo primordial, a família. Na verdade, a racionalização se reveste de uma aparência de otimismo sem limites, embora, talvez, não passe de um pessimismo que organiza o desespero. Ao conferir ao homem a certeza da incerteza, do viver provisório, de uma felicidade para o amanhã, deixa claro seu

caráter utopista: a sedução cada vez maior das condições exteriores, que se apresentam tão distantes e tão desejáveis, e que o levam à desgraça. Sem dúvida, o progresso é inevitável em todos os domínios da atividade humana, mas a racionalização ainda não é sinal de progresso, pois este existe na esfera do quantitativo e praticamente não tem sentido no qualitativo ⁴.

Para Weber a racionalização crescente têm como resultante o desencantamento do mundo, termo traduzido do alemão, ou a desmagificação do mundo, como muitas vezes é referido, uma vez que o progresso técnico-científico, que trouxe o abandono da crença nos poderes mágicos, trouxe, também, a perda do sentido profético, do sagrado, reduzindo a vida a uma seqüência de experiências vividas ³.

Desmagificar se opõe ao ser mágico, significa racionalizar e, assim, Weber quer explicar a modernidade, estudando a racionalidade de forma diferente de Marx e Dürkheim, abandonando elementos do pensamento evolucionista. Parte da temática da religião para a compreensão do racionalismo moderno, buscando vincular o fundamento religioso às práticas sociais, do que se originou a produção de sua obra determinante *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. Ascese é o termo designado para indicar o controle austero e disciplinado do próprio povo através do trabalho que, portanto, é uma prática, uma ação positiva, por excelência. Assim, trabalho e religião se associam, pois o trabalho é a melhor maneira de cumprir o desejo de Deus na Terra. É possível explicar uma prática social pelo trabalho; logo, o Capitalismo pode ser entendido como prática social, e não propriamente econômica, cujo fundamento está na ética protestante ⁵. A prática protestante deu sentido ao Capitalismo; daí a referência ao “espírito” capitalista, pois toda religião tem regras, preceitos, normas de orientação. Conseqüentemente, Weber elege e analisa o impacto social da crença sobre o surgimento de determinados comportamentos individuais e coletivos, para o entendimento do mundo ocidental, o único a produzir a religião protestante e a cultura capitalista.

O fenômeno da desmagificação é, pois, a modernidade por excelência, cujo significado predominante é ter afastado o fantástico, o mágico, o sobrenatural. Com o crescimento da racionalização, cresce também a irracionalidade que, segundo ele,

se origina, inicialmente, em nossa vida afetiva, depois se exprime em nossas relações com o poder, e ainda, no acaso ou na imprevisibilidade, se considerarmos os fenômenos da natureza ou o comportamento individual ou coletivo. O mundo contém múltiplos valores e fins que se confrontam, sustentando a irracionalidade, numa diversidade infinita da realidade, o que se vincula à idéia de antagonismo de valores. À filosofia unitária da História, que pretende reconciliar os valores, como a política e a religião, Weber se opõe, dizendo ser este um acordo possível em dadas circunstâncias, mas apenas provisoriamente, porquanto o rompimento é inevitável. Acrescenta que a experiência irracional foi a grande impulsionadora do desenvolvimento das religiões: o bem nem sempre resulta do bem, assim como o mal nem sempre resulta do mal; as conseqüências mais desastrosas acompanham, muitas vezes, as intenções mais nobres e isso define a complexidade do real. O paradoxo das conseqüências se complica, outrossim, com a repercussão incontrolável e indefinida dos atos uns sobre os outros, de sorte que ninguém tem condições de prever quando nem como se completará uma ação empreendida ^{3,5}.

Sem dúvida, a sociedade moderna ou pós-moderna se configura como a sociedade do conhecimento, império da racionalidade, em que o saber se tornou signo do poder. Sociedade e tecnologia tornaram-se fenômenos indissociáveis: não se pode falar em tecnologia sem considerar as transformações sociais que, ao mesmo tempo, provocam e favorecem seu desenvolvimento; e não se pode falar em sociedade, sem levar em conta as transformações tecnológicas que estão ocorrendo dentro dela e conseqüentemente causando transformações nas famílias ².

A JUVENTUDE REEDITADA

A temática da juventude foi retomada na década de 90, pós-período de latência, motivada por questões pertinentes em que o jovem tem sido objeto de discussões em vários segmentos sociais sob diferentes enfoques, desde concepções biopsíquicas, educacionais, políticas, até as relacionadas ao trabalho e aos diversos modos de ser jovem na contemporaneidade. Protagonista constante do mundo capitalista, a juventude está em toda a parte,

onipresente na mídia como alvo de consumo ou como agente da marginalidade, e em nenhuma parte, pois em geral dela se mostram imagens e discursos estereotipados. Dispõe, hoje, de um acervo importante de referência temática, fruto de uma produção teórica que se ocupa desde a construção histórica da juventude no Ocidente até a constituição de novos olhares sobre essa etapa vital⁶.

Adolescência, do latim *adolescere* (crescer), período que ocorre entre 14 e 20 anos, aproximadamente, é fase da vida que pode ser definida em sua dimensão psicobiológica e em sua dimensão histórica, política, econômica, social e cultural. Caracterizada pela transição entre infância e a juventude, compreende um momento extremamente importante do desenvolvimento: um período de conflitos, de necessidade de afirmação, de mudanças físicas aceleradas e mudanças psicológicas, diferentes das que ocorrem no processo de crescimento e desenvolvimento da infância, e influenciadas, ainda, por fatores hereditários, ambientais e psicológicos⁶.

Como categoria social, a adolescência é uma invenção da modernidade, conforme assinalou Ariès⁷; embora o conceito seja relativamente recente na história da civilização, a noção de adolescência tem suas raízes na Grécia Antiga. Aristóteles já considerava os adolescentes como apaixonados, irascíveis, capazes de serem arrebatados por seus impulsos, ainda que tenham altas aspirações; cometem falta por excesso e por exagero, uma vez que levam todas as coisas longe demais⁸.

No período medieval não havia divisão de idades no mundo social, nem nas escolas, catedrais e universidades, de forma que estudantes de diferentes idades conviviam e aprendiam lado a lado.

O caráter de classe na construção da adolescência, quando refere que no século XVI já existia a separação entre adulto e adolescente; este último está confinado aos colégios e concerne, pois, em primeiro lugar, às camadas sociais superiores. O aprendiz e o jovem trabalhador ainda compartilham da vida dos mais velhos. Os adolescentes mais abastados são confinados num regime especial, mais precisamente nos internatos, que cortam ainda mais os seus laços comunitários e culturais⁹.

Foi somente a partir do século XX que a adolescência passou a ser estudada em seus múltiplos aspectos. O primeiro estudo psicológico

publicado ocorreu em 1904, por Stanley Hall - *Adolescência: sua psicologia e sua relação com a fisiologia, sociologia, sexo, crime, religião e educação*. Vários outros estudos surgiram, após a década de 20, abordando aspectos biológicos da adolescência, importantes para a compreensão da puberdade, período compreendido entre 10 e 14 anos, aproximadamente. Por se tratar de fase de intensas transformações no ciclo de desenvolvimento, a adolescência é, freqüentemente, associada a um período de crise, cujo investimento é a busca de identidade numa reedição do desenvolvimento infantil, com vistas a definir o caráter social, sexual, ideológico e vocacional. Ressalte-se a etimologia da palavra crise – do grego *krisis* – ato ou faculdade de distinguir, escolher, dividir ou resolver¹⁰.

Crise consensualmente tem sido considerada uma expressão com conotação negativa, sinônimo de catástrofe iminente. Nada mais errôneo. “Crise” é um ponto conjuntural necessário – diria até, indispensável – ao desenvolvimento tanto dos indivíduos como de suas instituições. As crises ensejam o acúmulo de experiência e uma melhor definição de objetivos¹¹.

A adolescência é uma crise vital, chamada de crise normativa, isto é, momento evolutivo assinalado por um processo normativo de organização das estruturas do indivíduo. Da turbulenta desestruturação da personalidade, segue-se o processo de reestruturação que deve culminar numa nova visão de si e do mundo. A influência do momento histórico, do contexto social, econômico e cultural é determinante na modelação das representações e práticas diversificadas durante essa etapa da vida¹¹.

A definição da Organização Pan-Americana de Saúde e da Organização Mundial da Saúde, segundo a qual a adolescência é um processo fundamentalmente biológico, durante o qual se acelerariam o desenvolvimento cognitivo e a estruturação da personalidade. Abrange a etapa da pré-adolescência (10-14 anos) e a adolescência (15-19 anos). O conceito de juventude, por outro lado, é uma categoria sociológica, que indica o processo de preparação para os indivíduos assumirem o papel de adulto na sociedade, abarcando a faixa etária dos 15 aos 24 anos¹².

A juventude deve ser pensada como “fenômeno plural” intimamente ligado às condições materiais e

simbólicas do meio. Os pesquisadores atuais concordam que ela não é apenas uma condição biológica, mas resulta de dinâmicas de várias origens. A história da juventude é a história dos modos como ela foi pensada e construída socialmente. O contexto em que está inserida hoje se funda na diversidade que, por sua vez, permeia a teia de relações em torno do jovem, confere significados e define suas formas de inserção na vida social. O capitalismo ocidental oferece o pano de fundo de um processo de globalização e secularização** em que se assenta a juventude. Particularmente após a Primeira Grande Guerra, as sociedades assistiram a uma gradativa perda de importância dos ritos tradicionais de passagem, momentos que demarcam a transição nos ciclos de desenvolvimento humano. Os portais de acesso à idade adulta foram negados, comprometidos pelo alongamento progressivo da escolaridade, pela indeterminação das fronteiras de idade, desconectados dos rituais eficazes que permitiam o acesso à maturidade. O contexto de construção da juventude moderna foi, sobretudo, o americano, que implantou a escolarização precoce e ampliada¹¹.

É indiscutível que a juventude atual resultou da ação de forças sociais. Este 'segundo nascimento' vem demarcado por dois elementos cruciais: a imaturidade e a passagem para a vida adulta. Diz-se que no nascimento inaugural, o indivíduo 'é nascido', enquanto no segundo, o jovem 'dá a luz' para a autonomia e para a sociedade adulta. Tal processo não ocorre sem expectativas de participação ativa, sendo o jovem o principal agente. Fazem parte deste quadro algumas vivências peculiares, como a descoberta da alteridade, a experimentação e construção de significados, a capacidade de optar e romper com os cordões umbilicais e a busca de condições para exercitar tais capacidades¹³.

Ser jovem contemporâneo significa entrar na vida adulta cada vez mais tardiamente. Para tanto são três os principais eventos que concorrem para a intermediação desta passagem: o começo da vida profissional, a saída da casa da família de origem e a fundação de nova família. Tais etapas se encontram dessincronizadas na juventude atual e balizam uma profunda alteração no modelo de socialização e aprendizagem dos papéis adultos. O jovem atual se depara com infinitas possibilidades de experimentação diante de infinitas possibilidades de escolha. Sua autodefinição é construída ao longo de uma série de acertos e erros, numa fase experimental cada vez mais longa, favorecida por poderosos fatores sociais que geram novas definições da juventude. Cortejada pela mídia, disputada pelo comércio, cultivada em estufa pela escolarização, estendida e afastada do contato com modelos tradicionais, a juventude se vê urgida a assimilar estilos de vida moldados por essas agências de socialização. Assim, nos anos 60 explodiu uma cultura juvenil aparentemente autóctone, com visão própria do mundo e práticas exclusivas de lazer e consumo. Nesse processo, a juventude viu-se engolfada em dinâmica contraditória, porquanto ao mesmo tempo que era proclamada como novo ator social e cultural, não importando o que tenha realizado, ela não representava para ninguém, a não ser para si mesma, o que a induzia ao individualismo, na verdade um confinamento transfigurado como filosofia de vida¹¹.

Uma das grandes peculiaridades do século XX é a desvinculação dos elos entre as gerações passadas e presentes, embalada por valores de um individualismo absoluto, que foi favorecido pela decadência das sociedades e religiões tradicionais***¹³.

A destruição do passado como um dos fenômenos mais lúgubres deste século. Desprovidos de memória, os jovens atuais crescem numa espécie

** A secularização de uma sociedade, em seu sentido radical, pode ser entendida como um processo pelo qual a religião deixa de ser a forma de integração da cultura, particularizando-se, por exemplo, em uma das muitas atividades do homem. Ela faz com que tal sociedade já não esteja mais determinada pela religião, mas restrita a um âmbito particularíssimo do ser humano. No entanto, a secularização também pode ser vista como o sistema pelo qual a sociedade confere a devida autonomia religiosa a diferentes atividades sem que deixem de estar informadas pelos princípios religiosos. Neste sentido, podemos dizer que a secularização é possível até certo grau, pois existem realidades que mantêm íntima e essencial relação com a religião. A alma humana, por exemplo, pode estar determinada ou não pelo amor de Deus. Uma secularização da alma humana significa infidelidade. (Trecho da entrevista de Robert Spaemann a Maria Inês Migliaccio).

*** "Outrora o ingresso na vida ativa fazia-se muito mais cedo. Hoje há um retardamento progressivo da maturidade social. A juventude nas sociedades pós-industriais cresce de importância que não é só, como dizia, quantitativa, mas, também qualitativa, o que leva a que possamos falar, com a antropóloga americana Margaret Mead, de passagem das sociedades pós-figurativas para sociedades pré-figurativas, ou seja, sociedades onde os jovens ou os filhos ensinam muito mais aos pais do que aprendem com eles. As sociedades tradicionais, que eram sociedades gerontocráticas, eram sociedades onde o poder residia em quem detinha a tradição. As sociedades de hoje são mais racionalizadas, e, por conseguinte, onde reside o Saber — o Saber científico — aí reside o Poder. Ora são os jovens, detentores da última palavra do saber científico, que se impõem crescentemente nas sociedades em que vivemos." (CRUZ, 1989)

de presente contínuo, desintegrado dos velhos padrões de relacionamento social humano, seguindo o imperativo do imediato. Some-se ainda a exigência de educação secundária e superior para a obtenção de emprego, universalizada pelo processo de urbanização¹⁴.

A questão da juventude contemporânea remete à teoria weberiana sobre a ação social**** e seu sentido, objeto primordial de sua investigação. A conduta humana dotada de sentido, de justificativa elaborada subjetivamente, proporciona ao indivíduo significado e especificidade. A Sociologia Compreensiva weberiana objetiva o indivíduo e sua atividade como unidade de base: "só a pessoa individual é um agente compreensível de uma atividade orientada significativamente"³.

É o indivíduo que dá sentido à sua ação social, estabelecendo a conexão entre o motivo da ação, a ação propriamente dita e seus efeitos. As normas sociais só se concretizam quando manifestas individualmente, motivadas pela tradição, por interesses racionais ou pela emotividade. O motivo, então, se expressa na ação social e revela seu sentido, que é eminentemente social, pois cada indivíduo age considerando a resposta ou a reação de outros indivíduos. Este fator de interdependência dá origem ao caráter social da ação individual e esta, por sua vez, gera efeitos sobre o contexto em que se realiza. A interdependência dos sentidos das diversas ações, orientadas por motivos diversos, fornece o caráter social a esse conjunto de ações^{15;16}.

Quando, porém, o sentido é compartilhado, Weber distingue a relação social da ação, ressaltando a questão da reciprocidade como elemento essencial. Não há oposição entre indivíduo, família e sociedade: os acontecimentos que integram o social têm origem nos indivíduos. Cabe ao cientista social a compreensão e a busca de nexos causais que

desvendem o sentido da ação social e esta análise envolve qualidade, interpretação e subjetividade^{15;16}.

O processo de racionalização do mundo ocidental, descrito por Weber, fundamento da modernidade, enfatiza o caráter imperativo de adaptação coerente com meios e fins pretendidos; é o contexto do sujeito-jovem, hoje. A modernidade pressupõe o conceito de secularização que introduziu a racionalidade, em todos os seus domínios. Diferente das sociedades de crenças irracionais ou mágicas, as sociedades secularizadas geraram o indivíduo-sujeito, que afirma sua autonomia e constrói o mundo e suas significações, embasado no racional. Para isso também contribui a crescente exigência de especialização nas diferentes áreas da atividade social e seu funcionamento segundo regras próprias, o que, por sua vez, gera a tendência da autonomização e a concorrência entre si. Weber argumenta que dessa concorrência resultam novas formas conflitivas de interação. No contexto da secularização, a autonomia se potencia, enquanto as instituições guardiãs das regras (família, religião) se enfraquecem. A iniciativa se remete cada vez mais ao indivíduo, que tem o poder absoluto de opção, sobretudo o jovem, alvo permanente da sociedade consumista, devidamente 'civilizada' pela modernidade¹³.

A FAMÍLIA DE HOJE

Referenciada como unidade social básica em interações e trocas constantes com o mundo externo, a instituição familiar se caracteriza, nesse início de milênio, por intensas mudanças na sua estrutura, acarretadas pelo impacto dos avanços tecnológicos da sociedade contemporânea. Sob as vestes da diversidade de configurações, apresenta-se como universo em constante transformação que vem acompanhando os avanços técnico-científicos, sócio-culturais, econômicos, típicos da modernidade. Como núcleo, instituição, subsistema social, *locus* fundamental para a sobrevivência e desenvolvimento do indivíduo e da própria sociedade, detém o *status* de laboratório de relações humanas, onde se cunham modelos de convivência visando a um melhor aproveitamento dos potenciais humanos para a criação de um bem-estar coletivo. É da responsabilidade do grupo familiar a tarefa da construção identitária de seus membros, as crianças,

**** O conceito de ação social é central nas ciências sociais e identifica, de forma geral, toda ação dotada de significado, da qual resulta interação entre os diversos sujeitos, podendo revestir-se ou não de linguagem simbólica, segundo a tradição não-marxista. Na tradição marxista, exprime os modos de produção essencialmente relacionados com as formas de trabalho. Em sentido restrito, é toda estratégia que visa reivindicações sociais ou processos de reforma da sociedade, ou de um de seus aspectos, utilizando técnicas diversas e graus de articulação, de expressão e de maturidade ideológica diferentes. Coube a Max Weber estabelecer a distinção entre *ação*, definida como aquela que embora ocorrida na intimidade dos seres humanos, acha-se orientada por outros atores e *comportamento*, que se expressa como a exterioridade da ação. (Dicionário de Ciências Sociais, 1986, p. 11-12).

os jovens e os adultos, proporcionando-lhes a sustentação necessária para as relações de interdependência com o meio social ¹⁷.

Afora os estudos antropológicos de parentesco e dos clássicos do pensamento sociológico, a família parece não ter despertado grande interesse como objeto de estudo dos cientistas sociais. De fato, durante muito tempo, até o século XVII, a vida era vivida em público, quase sem nenhuma intimidade. A densidade social ocupava o espaço da família e esta não existia como sentimento ou como valor. O aparecimento desta conotação familiar de sentimento *versus* valor deu início no século XV até o século XVIII, com visível limitação das classes abastadas. Somente a partir do século XVIII se estendeu às demais camadas, impondo-se de modo tirânico, confundindo-se, freqüentemente, com patrimônio e reputação. O sentimento de família cresceu de modo prodigioso e se ampliou à medida que a sociabilidade se retraiu: “A história de nossos costumes reduz-se em parte a esse longo esforço do homem para se separar dos outros, para se afastar de uma sociedade cuja pressão não pôde mais ser suportada” ^{7:17}.

Assistiu-se, assim, a uma progressiva nuclearização da família, que passou a se constituir num espaço privado a serviço dos indivíduos. Do início do século XX até os anos 60, a característica dominante foi “a construção de uma lógica de grupo, centrada no amor e na afeição” ^{17:15}. Dessa forma, ao longo do século XX e, particularmente, na sua segunda metade, o mundo ocidental presenciou a progressiva elaboração de novos quadros familiares permeada pela individualização crescente, pela concessão de um lugar cada vez maior ao indivíduo-sujeito. Somente por volta dos anos 60, os pensadores contemporâneos retomaram seus interesses pelo grupo familiar motivados, talvez, pela evolução das teorias e métodos ou pela mudança de percepção dos fatos familiares. A discussão da crise da família passou a ser tema freqüente nos meios acadêmicos e no senso comum. Ocupou e ainda ocupa as mentes, concorrendo para que o termo ‘crise’ fosse empregado não como sinalização de um momento ou circunstância de exceção, mas numa conotação negativa de um estado crônico de insatisfação, sinal de catástrofe iminente. A percepção de que o grupo familiar se encontra no limiar de um novo giro em sua espiral evolutiva vem

substituindo gradativamente a idéia, muitas vezes corrente, sobre seu enfraquecimento ^{11:17}.

Em contrapartida, porém, há fortes sinais de porosidade na vida privada, cada vez mais atravessada por mecanismos de funcionamento próprios da vida pública. A fim de que o mundo privado possa adequar-se aos valores ora propagados pelo mundo público é necessário o reconhecimento de cada indivíduo na sua individualidade, com os mesmos direitos do outro e com suas diferenças específicas. O indivíduo contemporâneo não se parece com o das gerações precedentes, pois foi moldado pelas sociedades contemporâneas que impuseram o respeito à sua natureza, numa espécie de mito da interioridade ao que se associou outra exigência, a da autonomia. Embora o termo individualista possa induzir o contrário, é essencial a presença do outro significativo para o pleno desenvolvimento da identidade individual ¹⁷.

Nas sociedades individualistas, “a família” [...] toma para si a função de (tentar) consolidar em permanência o “eu” dos adultos e das crianças. [...] Consequentemente a família mudou para produzir esses indivíduos. [...] A família se transforma em um espaço privado a serviço dos indivíduos. [...] Cada criança é única. [...] Hoje a educação familiar se transformou, depreciando a obediência e valorizando a iniciativa, a autonomia e a satisfação pessoal. Contrariamente à representação comum, a criança aprende a ser um ser individualizado no seio da sua família de origem. [...] torna-se autônomo em uma relação de dependência ^{17:14-18}.

Entretanto verifica-se que de uma geração a outra, a continuidade prevalece sobre a descontinuidade, embora possa parecer contraditório diante do processo em curso, cuja especificidade se mostra na redução da taxa de fecundidade, elevação das taxas de divórcio, aumento da expectativa de vida, declínio do casamento, ao lado das fortes mudanças nas relações entre os sexos, maior controle da natalidade, maciça inserção feminina no mercado de trabalho. O grupo familiar continua sendo a matriz ou a rede continente para a proteção recíproca de seus membros e de seu desenvolvimento físico e emocional e tal é o seu objetivo compartilhado ¹⁷.

WEBER E A FAMÍLIA

A discussão da família tem suscitado uma produção teórica relevante, nas diversas áreas do conhecimento; no entanto, no que diz respeito à sociologia weberiana, este parece ser um material pouco explorado, embora seja uma característica do autor a diversidade temática de investigação. Recorremos ao trabalho de Couto¹⁸, denominado *Em busca de uma teoria da família em Weber*, para encontrar o possível pensamento desse clássico acerca de um tema tão profícuo e desafiador. A autora informa que Collins (1986) deu início ao trabalho de “garimpagem” da obra weberiana sobre alusões ao grupo familiar, uma vez que o autor clássico, ao contrário de Durkheim, não se debruçou especificamente sobre o tema. A partir da análise das obras “*A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*”, “*Economia e Sociedade*”, e, ainda, “*Religião e Racionalidade Econômica*”, que refletem os três principais períodos de produção de Weber, Couto refere a árdua tarefa de localizar e extrair senão uma teoria weberiana sobre a família, pelo menos, considerações sugestivas do autor que podem ser úteis para a compreensão de sua obra^{18;19}.

Na primeira obra, *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*, diz que Weber faz referência a três passagens relacionadas ao tema da família. **1)** Quando fala da questão da filiação religiosa e estratificação social, observa que os líderes do mundo dos negócios e proprietários do capital eram preponderantemente protestantes e que a educação superior propiciada aos filhos estava inclinada aos estudos politécnicos, comerciais e industriais, diferentemente dos católicos que se voltavam a uma educação mais humanística e artesanal. **2)** Quando cita ser o tradicionalismo familiar um obstáculo ao capitalismo racionalizado, uma vez que a ética religiosa, além dos preceitos mágicos particulares, está condicionada às especificidades das relações familiares que as influencia fortemente – o racionalismo puritano significava a dominação “racional” do mundo e supunha uma oposição à autoridade familiar através da ruptura dos laços familiares, em prol de uma religiosidade congregacional. **3)** Quando trata do desenvolvimento posterior do capitalismo e diz que o espírito capitalista já não necessita da força religiosa, sobretudo a apoiada na educação familiar, e que se chegou à fase do domínio patrimonial, onde a

universidade e o corpo preparatório de oficiais fazem com que os filhos esqueçam sua origem.

Pode notar um dos principais argumentos weberianos sobre a família enquanto instituição importante e obstaculizante ao desenvolvimento do capitalismo racionalizado¹⁹.

Em *Economia e Sociedade*, a autora comenta que concorda com Collins (1986) quando este diz que as abordagens weberianas da família estão mais relacionadas aos seus interesses acadêmicos e suas observações situam-se em estudos históricos comparativos, onde as relações políticas e econômicas são examinadas. Suas investigações nesta obra se concentram na comunidade doméstica e no clã. A primeira noção está assentada na forma básica de um grupo de residência e consumo comum, não coincide necessariamente com os membros da família, mas pode incluir um número maior ou menor de seus membros. A segunda, o clã, representa a rede mais ampla, compreende todos os que têm relação consanguínea e consiste numa unidade protetora e militar. Para Weber, não existem relações fixas de poder entre a família ou a comunidade doméstica e o clã, já que não os considerava como os únicos atores sociais em cena. Outros grupos territoriais (a comunidade ou vila, a tribo, o Estado organizado) podem interferir no grupo familiar ou na comunidade doméstica e esta é a arena geopolítica da família. Os princípios e as variações de cada dinâmica constituem o núcleo da teoria weberiana da família. Outro ponto sinalizado diz respeito à definição de família, que, para Weber, está focalizada na conjunção de duas esferas: a sexual e a econômica. A base familiar está assentada num tipo específico de relação sexual que tem lugar sob o consentimento do clã. Tal argumento, pois, é construído de fora para dentro: apenas certos tipos de relações sexuais trazem propriedade de direitos, poder e status. A família é essencialmente um conjunto de relações sexuais e econômicas reguladas pelo poder político^{18;19}.

A questão da organização familiar sob a ótica de fatores econômicos e políticos, referenciando a análise de Collins, que sugere que o pensamento weberiano acerca da estrutura familiar está sob a influência do trabalho feminino e masculino: o primeiro, mais ligado à colheita, tecelagem, horticultura, cuidado de animais de pequeno porte; o segundo, associado

à caça, aração, cuidado de animais de grande porte. Um exemplo está nas economias centradas na horticultura, onde a organização familiar está centrada na mulher, enquanto naquelas baseadas no pastoreio ou na caça, a centralização ocorre em torno do homem. Weber, no entanto, ressalta o fator de dominação militar, uma organização de homens em alguma versão do clã, mesmo nas economias centradas no feminino, pois, para ele, a mulher está sempre sob autoridade masculina. A organização militar promove a dominação sexual. Sem perder de vista a possibilidade de estratificação social, Weber enfatiza a força da realidade político-econômica ¹⁹.

A questão da ascensão e queda da comunidade doméstica, no entender de Weber, a estrutura familiar tradicional precisou ser superada para o desenvolvimento do capitalismo racional e que ele se interessou em compreender as condições em que isso ocorreu. Quando o domínio patriarcal declina, o grupo consanguíneo estendido pára de ser economicamente importante e é acompanhado da ascensão do domínio da comunidade doméstica. Weber distingue claramente o sistema de parentesco e a comunidade doméstica, dizendo que o grupo doméstico patriarcal é um estágio intermediário na quebra da sociedade baseada no parentesco, embora ele seja centrado na família. Quando tais grupos adquirem poder político, se separam do grupo doméstico, criam regras impessoais e racionalizadas e podem funcionar como unidade do governo ou da administração. Tem-se então, a dominação patrimonial ¹⁹.

Portanto, as transformações na estrutura familiar foram essenciais na ascensão capitalista; o clã se viu enfraquecido com a ascensão do Estado burocrático e das profecias religiosas, pois os líderes carismáticos buscaram formar seus seguidores sem limitações do clã e seus cultos. O Estado foi reforçado por fatores políticos e militares enquanto o Cristianismo dava sua grande contribuição para a destruição do maior obstáculo ao capitalismo ¹⁹.

Neste contexto encontramos a juventude com suas características, anseios, medos, expectativas, vontade de construir um mundo melhor, lutando por um lugar na sociedade, enfim, enfrentando mudanças e escrevendo sua história.

BUSCANDO A APROXIMAÇÃO – WEBER, JUVENTUDE E FAMÍLIA CONTEMPORÂNEAS

A tarefa de entrecruzar o pensamento weberiano e as questões contemporâneas me parece extremamente pertinente, uma vez que o conceito de racionalidade que ele emprega designa o processo que caracteriza a modernidade, o qual quis explicar. Weber viu a sociedade ocidental capitalista dominada pelo imperativo racional na economia, na ciência, na religião, no Estado, com possibilidades de serem complementares. A atividade racionalizada transporta o germe de uma deterioração das relações, o que alimenta o pessimismo weberiano acerca do futuro do mundo. Este tão disseminado e discutido pessimismo, em relação à racionalidade capitalista vem corroborar, muitas vezes, o cenário pós-moderno e os problemas que aí transitam.

O capitalismo não concretizou idéias de liberdade e riqueza social, trazendo crises e estimulando a “razão instrumental”, conforme já demonstrado por Horkheimer e Adorno, ao argumentarem sobre os caminhos da sociedade dirigida pela indústria cultural, organizada sob forma reificada e instrumental. Hoje o sujeito é realidade histórica, mencionando que Horkheimer e Adorno chegam a falar em “educação emancipatória”, que significa a intermediação entre o sujeito e o objeto para utilização adequada de instrumentos ².

A racionalidade do mundo tecnológico originou um modo de produção e também uma maneira de organizar as relações sociais, não apenas no âmbito das forças produtivas. Há, pois, estreita relação entre os sistemas técnico e social: inúmeras influências de transformações técnicas se exercem sobre a sociedade, bem como determinantes de uma sociedade influenciam o progresso técnico. A tecnologia é considerada uma linguagem que provoca ações sociais ².

Acredita-se que a sociedade tradicional foi redefinida na base da racionalidade que legitimou a organização estatal do poder, a separação em classes socioeconômicas, até seu desenvolvimento por meio de mitos, tudo em nome do “racional”. A sociedade moderna é dominada pelo conhecimento gerado no mundo de hoje que representa seu embasamento racional e também seu poder. O saber compartilhado gera a informação para o que se originam interpretações diversas, uma circulação de

saberes que significa estabelecer relações de comunicação e interface ^{1;2}.

O domínio da lógica do meio técnico-científico determinou o surgimento de artificialidade no ambiente urbano. A cidade globalizada apresenta novo rosto, nova funcionalidade, nova definição para representar o mercado, os centros de poder político e econômico, nicho de idéias científicas e filosóficas, local de manifestações artísticas. Associa-se a presença de um isolamento cada vez maior entre diferentes setores sociais, sendo que a minoria dominante vive aprisionada enquanto a maioria dominada parece desfrutar de maior liberdade. A cidade global se apresenta como espaço privilegiado para diferenças e desigualdades, como centro na luta pela união e incentivo para as diversidades, assim como local de conflitos e intolerâncias. Ao mesmo tempo, é crescente o nível de desigualdades sociais, reforçado pelos altos índices de desemprego. A racionalidade técnico-científica e informacional forneceu o suporte para a vida urbana e deu origem a uma “natureza artificial”, que condiciona as pessoas a viverem de acordo com as necessidades criadas, cuja insatisfação, inviabiliza a vida ¹.

O fenômeno da globalização chegou, profundamente enraizado na modernidade, atravessando fronteiras, tornando o mundo interconectado. Significa um universo de diversidades, desigualdades, tensões, antagonismos, simultâneo a associações, integrações e articulações transnacionais e globais. A modernidade é inerentemente globalizante. Tal fenômeno é irreversível, está associado aos avanços tecnológicos, indicador positivo de progresso, fundado numa visão racionalista ²⁰.

Este cenário é o “pano de fundo” de articulação de mudanças sociais paralelas, uma vez que sociedade e tecnologia são fenômenos indissociáveis e interdependentes: transformações que ocorrem em um alteram reciprocamente o outro. As transformações sofridas tanto pelo grupo familiar como pela juventude ilustram, a meu ver, o quadro de conseqüências da implementação da racionalidade no Ocidente, a que Weber se referiu, quando advertiu sobre o processo de desmagificação e, conseqüente desencantamento do mundo. O modelo tradicional de família converteu-se em obstáculo do desenvolvimento capitalista que exigiu mudanças no seu núcleo essencialmente patriarcal. A ascensão econômica e patrimonial e, portanto, o crescimento do Estado burocrático e das

profecias religiosas, teve papel preponderante no declínio do clã, exigindo regras próprias e impessoais, para as quais a autoridade patriarcal se destituiu de sentido. A família no domínio patriarcal, sob a ótica weberiana, já se assentava na esfera econômica, conjugada com a sexual; portanto a ascensão capitalista corrobora tal afirmação e a coloca sob a regulação do poder político, isto é, sob a dominação patrimonial ⁵.

As mudanças familiares internas geraram a necessidade de um novo indivíduo, diferente das gerações precedentes, capaz de se adaptar às novas exigências racionais modernas e remete à problemática da juventude contemporânea, das camadas médias da sociedade. Caracterizada pela entrada tardia na vida adulta e por um alargamento das fronteiras dessa fase, somada a escolarização prolongada e dificuldades para inserção no mercado de trabalho, a juventude de que se fala cresce envolta na atmosfera individualista. Em busca de autonomia, visa construir o mundo em oposição às sociedades tradicionais, de crenças irracionais. A individualização se impôs como afirmação da capacidade de o indivíduo construir um sistema próprio de referências; a liberação social passou a ser elaborada dentro de uma lógica individual ^{11;17}.

Este quadro vem legitimado por um desabamento da influência familiar nos últimos trinta anos do século XX e o afrouxamento do papel de agências de cooperação social e formulação moral. Passou-se a viver num mundo conquistado, desenraizado e transformado pelo processo econômico e tecno-científico do desenvolvimento do capitalismo. Ao mesmo tempo, o culto à eternização da juventude passou a ocupar lugar destacado na cultura, destituindo o valor da preparação, opção, espera, assim como os valores associados à vida adulta: sabedoria e autoridade ^{13;14}.

Weber em sua teorização da ação social deixou claro que a essência desta é a orientação pelas ações de outros, e que estes outros podem ser individualizados e conhecidos, ou uma pluralidade de indivíduos indeterminados. A importância de se buscar estabelecer e resgatar o sentido da ação é objeto da sociologia compreensiva. A consciência do sentido do comportamento não é necessária ao agente.

A ação social, como toda ação, pode ser: **1)** racional com relação a fins – determinada por

expectativas no comportamento; **2)** racional com relação a valores – determinada pela crença consciente no valor, interpretável como ético, religioso, estético; **3)** afetiva – determinada por afetos e estados sentimentais atuais; **4)** tradicional – determinada por um costume arraigado[...]. Raras vezes a ação, especialmente a social, está exclusivamente orientada por uma ou outra de suas modalidades ⁵.

A questão da juventude contemporânea não pode ser analisada independentemente das transformações na família e do desenvolvimento da sociedade capitalista. Orientadas segundo as mudanças ocorridas no mundo ao seu redor, do macro ao micro, as ações da juventude foram nelas pautadas e cunhadas, o que me parece que lhes confere o caráter social. Juventude e família estabelecem uma relação social, nos termos weberianos, na medida em que seus comportamentos se orientam pela reciprocidade, pela probabilidade de que agirão socialmente numa forma com sentido. Não significa que coloquem o mesmo sentido na ação, mas associam à sua conduta um sentido diverso e a relação social é objetivamente “unilateral”, porém baseada na referência mútua das duas ações, ou seja, na reciprocidade.

A reflexão profunda acerca do verdadeiro significado das ações da juventude vinculada às transformações que atingiram o grupo familiar, no contexto da modernidade, certamente poderá levar à compreensão e à conexão entre os motivos e a ação propriamente dita.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A questão central deste ensaio se voltou para o entrelaçamento de idéias de um representante do pensamento clássico da teoria social e as especificidades contemporâneas, particularmente as relacionadas ao tema da juventude e da família.

Por clássico, entende-se um fundador, um sedimentador e disseminador de idéias que podem ser lidas e relidas no decorrer dos tempos.

Do trabalho realizado concluiu que o pensamento weberiano se localiza no patamar dos clássicos por fornecer suporte consistente à compreensão do mundo que nos cerca. Embora a temática proposta não tenha recebido tratamento exaustivo por parte do autor, suas idéias buscam identificar a lógica das instituições e compreender suas singularidades,

sempre de maneira não-determinista, o que pode trazer contribuições relevantes às especificidades do contexto atual.

REFERÊNCIAS

- 1 Carvalho MG. Tecnologia, desenvolvimento social e educação tecnológica. *Educação & Tecnologia: Revista do Programa de Pós-Graduação em Tecnologia do CEFET-PR*. 1997; 1.
- 2 Bastos JASL. Educação e tecnologia: *Educação & Tecnologia: Revista do Programa de Pós-Graduação em Tecnologia do CEFET-PR*, 1997, 1.
- 3 Freund J. *Sociologia de Max Weber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária; 2000. p.19.
- 4 Sangenis LFC. Escola e crise da modernidade: entre a secularização e a profanação. Disponível na internet via www URL: http://www.educacaoonline.pro.br/escola_e_crise.asp (jul. 2005).
- 5 Oliveira, MSBS. Apontamentos de aulas – Mestrado em Sociologia, UFPR, 2005.
- 6 Abramo HW, Freitas MV, Sposito MP. *Juventude em debate*. São Paulo: Cortez; 2000.
- 7 Ariès P. *História social da família e da criança*. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara; 1981.
- 8 Kiell N. *The Universal experience of adolescence*. New York: International University Press, 1964. In: Gunther IA. *Adolescência e projeto de vida, Cadernos da Juventude*. Disponível em www.bireme.br/bvs/adolesc. (10 jul. 05).
- 9 Petitot A. *Produção da escola/produção da sociedade: análise sócio-histórica de alguns momentos decisivos da evolução escolar no ocidente*. Porto Alegre: Artes Médicas; 1994.
- 10 Kettl JF. Descubrimiento y invención de la adolescencia en la historia. *Adolesc Health* 1993;14:664-72.
- 11 Osório LC, Valle ME. *Terapia de famílias: novas tendências*. Porto Alegre: Artmed; 2002.
- 12 Sallas ALF, organizador. *Os jovens de Curitiba: esperanças e desencantos. Juventude, Violência e Cidadania*. Brasília: UNESCO Brasil; 1999.
- 13 Ribeiro JC. *Os Universitários e a transcendência – visão geral, visão local*. Rever: *Revista de Estudos da Religião da PUCSP* 2004; 2.
- 14 Hobsbawm E. *Era dos extremos – o breve século XX*. São Paulo: Cia. das Letras; 1995.
- 15 Foracchi M M, Martins JS. *Sociologia e Sociedade*. São Paulo: Livros Técnicos e Científicos Editora S.A, 1994.
- 16 Costa C. *Sociologia Alemã: a contribuição de Max Weber*. São Paulo: Moderna, 1997.
- 17 Singly F, Peixoto C, Cichelli V. *Família e individualização*. Rio de Janeiro: FGV; 2000. p.14-8.
- 18 Couto MT. *Em busca de uma teoria da família em Max Weber*. *Ciência e Trópico* 2002.
- 19 Couto MT. *Em busca de uma teoria da família em Max Weber*. Trabalho apresentado no XXIII Encontro Nacional da ANPOCS, Grupo de Trabalho “Família e Sociedade”. *Ciência e Trópico* 2002; 30(2):57-70.
- 20 Giddens A. *As conseqüências da modernidade*. São Paulo: Unesp; 1991.